

As Primeiras Aprendizagens da Criança Surda: Práticas Pedagógicas na Educação Infantil do INES – Educação Precoce

Ana Lucia do Nascimento¹

Da estimulação essencial à educação precoce

Entre os vários temas pesquisados no século XX alguns contribuíram para a área da surdez, outros, procurando investigar o desenvolvimento do próprio homem, encontraram respostas no período da infância e, gradativamente, a criança surda passou a ser vista em seu desenvolvimento global. Nessa perspectiva, os estudos direcionados para os primeiros anos de vida se situam na década de 1920 e de 1930. Tais pesquisas ganharam mais consistência com os neonatologistas, na década de 1960, surgindo uma nova abordagem de atendimento: a estimulação essencial.

As pesquisas mais recentes na área da neurociência vêm contribuindo imensamente para a compreensão do funcionamento do cérebro humano e com isso das primeiras aprendizagens que ocorrem nos três primeiros anos de vida. Desde o início a estimulação essencial ou estimulação precoce ou, ainda, intervenção precoce tinha como proposta atender a criança em seu desenvolvimento global além de resgatar ou (re)construir o vínculo materno, considerado vital para suas primeiras interações. Inicialmente, duas vertentes sobressaíram: a primeira investigava questões relacionadas à privação cultural, como os problemas cognitivos e linguísticos. A outra investigava os bebês de alto risco e possíveis problemas físicos, mentais e emocionais decorrentes da prematuridade. Além disso, tinham aqueles decorrentes do longo período hospitalar que provoca um distanciamento entre mãe e bebê. Essas duas vertentes defendiam que a criança, quando imersa em um ambiente empobrecido de experiências, tinha pouca chance de desenvolver seu potencial, por isso seria necessário uma intervenção que lhe oferecesse o máximo de experiências apropriadas, o mais cedo possível.

No INES, as pesquisas se concentraram, sobretudo, na importância do diagnóstico e do atendimento precoce à criança surda e no seu convívio familiar com o objetivo de se formarem vínculos afetivos e desenvolver a linguagem. Teve início em 1975, mas não se considerava um período de escolaridade. Assim, procurou-se a participação efetiva da família nessa nova forma de atendimento educacional para surdo. Vasconcelos (apud, CEIV, 1982, p. 35), afirma que “quando se trata de uma criança muito pequena, que ainda não pode frequentar a escola, a orientação

¹ Mestre em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Especialista na Área da Surdez e em Estimulação Essencial ao Desenvolvimento da Criança. Professora de Educação Precoce, do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

nascimento.lucia2004@ig.com.br

inicial deve ser dada à mãe a fim de que esta aplique em casa os ensinamentos recebidos, começando, desse modo, a educação precoce da criança”. Ela enfatiza em suas pesquisas a importância de apoiar e orientar os pais após a confirmação da surdez de seu filho, esclarecendo que “um diagnóstico apresentado aos pais, sem preparação e orientação prévia, é uma crueldade; causa impacto, desespero, incredulidade e chega mesmo a desestruturar a dinâmica familiar” (idem, p.41). Na opinião de Rocha (2008, p. 111) Vasconcelos foi a pioneira na estimulação precoce de bebês surdos.

Atualmente, o atendimento à criança em seus primeiros anos de vida quando oferecido pela área da Educação constitui a primeira fase da educação infantil, como a etapa inicial do ensino básico. De acordo com o Conselho Nacional de Educação

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (RESOLUÇÃO CNE/CEB 5/2009).

A partir dessa proposta de atendimento pedagógico e baseada nos Referenciais Curriculares Nacionais, a EP atende crianças com surdez profunda ou severa, nos três primeiros anos de vida. A causa da perda auditiva e o período em que ocorreu são variados, entretanto, a comunicação dessa criança possui as características do período pré-linguístico. Esse momento em que a criança está sendo atendida na EP é, também, considerado como tempo de diagnóstico diante das inúmeras mudanças que estão se processando em seu interior. Portanto, o processo de avaliação respeitando as características desta faixa etária ocorre ao longo dos atendimentos. Imersa em um clima lúdico, as brincadeiras da criança permitem uma dimensão exata de todas as aprendizagens adquiridas por ela.

Os processos de interação da criança surda com sua família, que na maioria são pessoas ouvintes, e as aprendizagens que se concretizam nessa relação ocorrem, inicialmente, através da linguagem não verbal. Compreendemos que tais aprendizagens são adquiridas por crianças surdas e ouvintes. Winnicott (1983) afirma que a “aprovação ou desaprovação podem ser transmitidas ao surdo e à lactente em um estágio muito anterior de se ter iniciado a comunicação verbal”. Para este autor “a base do desenvolvimento da criança é a existência física do lactente, com suas tendências herdadas. Essas tendências herdadas incluem o esforço de maturação para o desenvolvimento posterior”. No entanto, esse autor ressalta a importância do meio ambiente para o desenvolvimento infantil, dizendo que “o processo de maturação depende, para se tornar real na criança, e real nos momentos apropriados, de favorecimento ambiental suficientemente bom”.

O INES, na década de 1950, já tinha como proposta educacional a parceria entre a escola e a família. Dória (1958) defende que “da ação conjugada, da perfeita articulação entre o lar e a escola, dependerá, em grande parte, a harmonia no desenvolvimento psicológico da criança”. Nos dias atuais, diversos estudiosos, tanto na área da Educação quanto na da Saúde entendem o papel fundamental que a família exerce nos primeiros anos da criança. Assim, Brazelton e Greenspan (2002) afirmam que “todos os conceitos intelectuais, abstratos, que as crianças dominarão em idades posteriores, baseiam-se nos conceitos que elas aprendem em seus primeiros relacionamentos”.

De acordo com essa visão a Educação Precoce (EP) tem como objetivo atender a criança surda em seu desenvolvimento global, bem como apoiar e orientar seus familiares compreendendo a importância deste grupo para as primeiras aprendizagens e dos vínculos emocionais que se formam nessa interação. Compreende-se, também, que a primeira forma de inclusão da criança surda ocorre no contexto familiar, estendendo-se para a escola e ampliando-se cada vez mais.

A família e as primeiras aprendizagens

Não há dúvida sobre a importância das primeiras relações entre o bebê e seus familiares. Diversos estudos apontam que 95% dos surdos são de famílias ouvintes. Essa estatística não se difere dos casos atendidos no INES. As crianças surdas, em sua maioria, são de famílias ouvintes que desconhecem a surdez e o potencial de sua própria criança. Muitas vezes a falta de uma comunicação oral interfere nas interações entre elas. Portanto, muitas aprendizagens que deveriam ocorrer naturalmente, em um período precoce, não se efetivam naquele momento que é considerado o mais propício. Nesses casos observamos que, segundo o depoimento dos próprios familiares, as interações entre a criança e eles se limitam aos cuidados básicos e a comunicação se restringe às ordens simples.

As brincadeiras que naturalmente ocorreriam nas interações deixam de ocorrer ou quando ocorrem não possuem a qualidade e quantidade necessárias para as aprendizagens dessa fase de vida. Em situações extremas, o toque, o carinho, o olhar afetivo são situações que se tornam cada vez mais distantes e a criança surda e seus familiares passam a não se compreenderem nem mesmo pelos elementos linguísticos mais simples que são o olhar, o toque, a expressão corporal. Quando uma mãe ou um pai nos dizem que não sabem se comunicar com seu filho, fica uma pergunta: e as outras formas de comunicação que antecedem a língua? Como ficam essas experiências nas interações entre a criança surda e seus familiares ouvintes?

Não podemos deixar de ressaltar que existem famílias ouvintes com outro comportamento e que promovem um meio ambiente facilitador de aprendizagens. Nesses casos, o desenvolvimento da criança é bastante próximo ao da criança ouvinte, diferenciando-se na forma de comunicação e nas aprendizagens que estão diretamente relacionadas aos conceitos linguísticos. Segundo Brazelton e Greenspan (2002, p.125) “a segurança interior, que torna possível a uma criança prestar atenção,

também dá à criança a capacidade de ser amorosa, confiante e íntima tanto com adultos como com seus iguais". Esses autores afirmam que esta capacidade se dá ainda no primeiro semestre de vida do bebê, entre o quarto e sexto mês de vida. Para eles "o bebê estuda os rostos de seus pais, arrulhando e desenvolvendo seus sorrisos com um brilho especial próprio, enquanto os dois se cortejam e aprendem sobre o amor juntos". Estes dois autores completam que é nessa relação que "todos os conceitos intelectuais, abstratos, que as crianças dominarão em idades posteriores, baseiam-se nos conceitos que elas aprendem em seus primeiros relacionamentos". Orientar os familiares sobre a surdez e o potencial de sua criança permite a (re)construção do vínculo emocional que muitas vezes não se efetivou ou se rompeu diante do laudo de surdez.

Autonomia e as aprendizagens complexas

Os objetivos da EP estão pautados nas etapas da evolução infantil e nas questões relacionadas aos conceitos linguísticos. O desenvolvimento da atenção dirigida é uma das primeiras aprendizagens que levam a criança a desenvolver as funções superiores. O desenvolvimento da memória lógica é o passo seguinte. Por fim, outras aprendizagens mais complexas permitem a criança abstrair, generalizar, tirar conclusões e agir de forma cada vez mais criativa. Todas as aprendizagens vão se efetivar em um clima lúdico. Na EP podemos observar esse comportamento através de uma postura que, gradativamente, vai apontando uma criança mais autônoma. Nesse processo de aprendizagem, segundo Vygotski

Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica).

Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária; memória lógica; formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (VIGOTSKI, 2007, p. 57-58)

Outro ponto defendido por esse autor nos diz que "um sistema funcional de aprendizado de uma criança pode não ser idêntico ao de outra, embora possa haver semelhanças em certos estágios do desenvolvimento" (VIGOTSKI, 2007, p. 156). Sendo assim, ao fazer o planejamento pedagógico da EP o professor necessita conhecer a história de seu aluno, ter um conhecimento profundo sobre as fases do desenvolvimento infantil e as particularidades auditivas e linguísticas que cada surdo apresenta para assim oferecer-lhe experiências significativas e que promovam as aprendizagens necessárias para aquela criança. Além disso, é importante orientar seus responsáveis sobre os objetivos e estratégias pedagógicas traçadas para seu filho e sugerir algumas situações que eles possam fazer em casa. As interações que ocorrem em casa surgem

naturalmente e são diferentes daquelas apresentadas na sala de aula, portanto, podem ser mais enriquecidas.

O processo de autonomia ocorre em diferentes níveis de aprendizagem. Dessa forma, vão desde a possibilidade de a criança adquirir o domínio de seu corpo. Sustentar a cabeça, rolar, sentar, pegar objetos, engatinhar e mais adiante, caminhar livremente, sem auxílio, são etapas do desenvolvimento da criança e que permitem novas experiências, sempre, com a anterior servindo de base para as subsequentes. Em cada etapa desse processo que é predominantemente biológico, podemos pontuar aprendizagens que envolvem outros domínios como a atenção dirigida, a memória lógica e a formação de conceitos, ou seja, são aprendizagens importantes para o processo de autonomia e que na sala de aula podem ser bastante exploradas por meio de brincadeiras. Além do que tais aprendizagens permitem que a criança amplie suas interações sociais que se resumiam apenas em seu núcleo familiar. O espaço que antes era limitado pelo próprio corpo, mais adiante, a partir das novas aprendizagens e do domínio corporal, amplia-se permitindo que a criança interaja com outras pessoas, crianças e adultos.

Primeiro, na posição deitada a criança dependia quase que por completo do adulto para lhe mostrar o mundo que se reduzia a um espaço próximo. Quando a criança adquire o domínio do corpo e coloca-se na posição sentada, seu campo visual amplia-se e surge a possibilidade de novas aprendizagens. Nesse momento, a criança começa a pegar os objetos com mais firmeza. Com a possibilidade de se colocar de pé e em seguida dar seus primeiros passos, sem auxílio do adulto o campo de ação da criança amplia-se enormemente. As experiências multiplicam-se tanto em quantidade quanto em qualidade. A autonomia, também, é exercida nas experiências em que a criança precisa se afastar da mãe ou do adulto que a acompanha. Esse é um grande aprendizado. Para Winnicott (1983, p. 36), “com o passar do tempo o indivíduo se torna capaz de dispensar a presença real da mãe ou figura materna”. Esse autor diz, também, que “a capacidade de ficar só é um fenômeno altamente sofisticado e tem muitos fatores contribuintes. Está intimamente relacionada com a maturidade emocional” (idem, p. 37).

Na EP as atividades com cada criança vão sendo planejadas de forma que ela possa vivenciar essas etapas de seu desenvolvimento. Para isso um ambiente lúdico favorece tais aprendizagens respeitando suas inseguranças, suas frustrações e todos os tipos de sentimentos pelos quais todas as crianças necessitam vivenciar para alcançar esse tipo de autonomia. O processo de autonomia é difícil tanto para a criança quanto para o adulto, pois ao mesmo tempo em que requer um afastamento promove uma aproximação de outras crianças e adultos.

As orientações aos familiares se concentram nesse tema porque a criança surda, por desconhecimento do adulto, muitas vezes é superprotegida e com isso não exerce sua autonomia, considerando-se suas reais possibilidades. A autonomia é um amadurecimento necessário para todo ser humano. Dessa forma, promover experiências que permitam que a criança adquira esse amadurecimento é um dos objetivos da EP, mas este é um trabalho conjunto entre escola e família. Por isso a orientação sobre

esse tema torna-se tão necessária nessa etapa de escolarização. Além disso, adquirir autonomia requer maturidade que para Winnicott (1983, p. 80) “é uma palavra que implica não somente crescimento pessoal, mas também socialização”. Este autor acrescenta que “a independência não é absoluta. O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes”.

Considerações finais

Pela nossa prática em sala de aula, na EP compreendemos que a criança surda tem a capacidade de adquirir as mesmas aprendizagens que a criança ouvinte, a partir de um ambiente lúdico e suficientemente confiável, construído tanto na família quanto na escola. Para Winnicott (1977, p. 146), a criança “começa a criar um mundo interior e pessoal, em que batalhas são ganhas e perdidas, um mundo em que a magia se conserva em equilíbrio oscilante”. Este autor faz um convite irrecusável para o trabalho de educação precoce com crianças surdas: “estimulemos a capacidade de brincar da criança” (idem, p.147). Winnicott conclui seu pensamento sobre a importância da brincadeira apontando que é através desta atividade que a criança constrói uma base segura para suas aprendizagens futuras. Isso não pode ser negado à criança surda. Segundo este autor:

Suas brincadeiras revelam que essa criança é capaz, dado um ambiente razoavelmente bom e estável, de desenvolver um modo de vida pessoal e, finalmente, converter-se num ser humano integral, desejado como tal e favoravelmente acolhido pelo mundo em geral. (WINNICOTT, 1977, p. 147).

Além disso, compreendemos, também, que as crianças surdas que podem participar dessa atividade o mais cedo possível têm condições de adquirir conceitos linguísticos que irão favorecer a apropriação mais rápida de uma língua, principalmente, quando ela é oferecida, naturalmente, através da brincadeira.

Referências bibliográficas:

BRAZELTON, T. Berry, GREENSPAN, Stanley I. **As necessidades essenciais das crianças: o que toda criança precisa saber para crescer, aprender e se desenvolver.** Trad. Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 5**, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

CEIV. **Documenta-CEIV – Centro de Estudos Ivete Vasconcelos: Homenagem à Ivete Vasconcelos.** Rio de Janeiro, 1982.

DÓRIA, Ana Rímoli de F. **Compêndio de educação da criança surdo-muda**, 2ª ed. Rio de Janeiro, 1958.

ROCHA, Solange M. **O INES e a educação de surdos no Brasil**: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. v.1, 2ª ed. (dez/2008). Rio de Janeiro: INES, 2008.

VASCONCELOS, Maria Ivete C. **Deficiência auditiva**. Projeto Especial Multinacional Brasil-Paraguai-Uruguai. Brasília: Departamento de Divulgação, 1978.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organização: Michael Cole [et al.]. Trad. José Cipolla Neto [et al.], 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. Trad. Alvaro Cabral, 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

_____. **O ambiente e os processos de maturação**. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Trad. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.